

# ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO E LITERATURA: A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA FALADA NOS POEMAS DE MANUEL BANDEIRA

Gil Roberto Costa NEGREIROS<sup>1</sup>

## RESUMO

Objetiva-se, neste trabalho, investigar a influência da oralidade na poesia de Manuel Bandeira à luz da Análise da Conversação, por meio da análise de certas marcas comuns no texto falado. Por se tratar de um trabalho da área da Lingüística o qual estabelece relações entre *fala* e *escrita*, define-se, inicialmente, como perspectiva de trabalho, a tendência sociointeracionista, que considera a modalidade falada e a modalidade escrita não em posições estanques, dicotômicas, mas sim como variedades pertencentes a um mesmo *continuum*. Desta forma, alguns textos escritos podem trazer marcas da oralidade. A metodologia empregada no trabalho pode ser dividida em dois momentos. Primeiramente, são resumidos aspectos de teorias da Análise da Conversação referentes à sintaxe oral. Em seguida, analisa-se o *corpus*, composto de alguns excertos de poemas de Bandeira. No decorrer da análise, são apresentados os trechos poéticos selecionados, que possuem marcas sintáticas muito próximas da língua falada, usada em nosso cotidiano lingüístico. Cabe lembrar que as considerações levantadas neste trabalho não têm como meta comprovar que o texto poético é um texto oral. Longe disso, considera-se que tais marcas orais sintáticas, que ocorrem em certos excertos de poemas, não equivalem à transcrição oral espontânea, haja vista os limites existentes entre a língua falada e a língua escrita. Entretanto, tais recursos podem, de certa forma, revelar o habilidoso grau de elaboração lingüístico-artística de Manuel Bandeira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise da Conversação; correções; cortes; poesia; Manuel Bandeira.

## Introdução

Neste trabalho, temos como objetivo analisar a correção e o corte, que se configuram como marcas sintáticas da oralidade, presentes em trechos poéticos de Manuel Bandeira. Tentaremos, com isso, propor uma nova possibilidade de análise do texto poético, baseada na Análise da Conversação. Assim, é oportuno salientar que se trata de um trabalho da área da Lingüística, que foge das tendências analítico-literárias.

Não pretendemos ir de encontro à veracidade das metodologias de análise tradicionais. Longe disso, o que buscamos é propor algumas possibilidades de

---

<sup>1</sup> UNIVERSITAS, Faculdade de Letras / Instituto de Ciências Humanas. Rua João Baptista Ricci, 155, apto. 301, Bairro Varginha, Itajubá – MG, Brasil, CEP 37500-310. gilrobertonegreiros@yahoo.com.br.

investigação da oralidade no texto escrito, em especial do texto literário poético. Este poderia ser analisado de outra maneira, tendo em vista que sua superfície lingüística pode trazer possíveis marcas de uma possível ilusão da oral.

Como ponto de partida, adota-se a perspectiva sociointeracionista, segundo a qual fala e escrita não podem ser consideradas variedades dicotômicas, mas sim pertencentes a um *continuum*, no qual ambas fazem parte de um mesmo sistema de língua. Nessa proposta, “os sentidos e as respectivas formas de organização lingüística dos textos se dão no uso da língua como atividade situada. Isto se dá na mesma medida, tanto no caso da fala como no da escrita.” (MARCUSCHI, 2001, p.43)

A concepção de língua aqui adotada não se refere a um sistema de regras determinado, regular e homogêneo, mas a um processo fenomenológico com várias formas de manifestação, dinâmico, histórico, social e indeterminado.

Desta forma, não se pretende propor que o texto poético bandeiriano seja considerado um texto oral. Longe disso, o que sugerimos é que, em alguns textos poéticos, há marcas que refletem certa aproximação com o uso oral da língua.

Primeiramente, definiremos mais a fundo a proposta sociointeracionista para, depois, demonstrarmos algumas possibilidades de investigação à luz da Análise da Conversação. Caso seja confirmada nossa hipótese, segundo a qual há marcas da oralidade em alguns poemas de Bandeira, abrem-se novas possibilidades de abordagem nas aulas de leitura, o que poderia contribuir para a formação de leitores mais críticos, atentos à heterogeneidade e à indeterminação do texto literário, que é fruto das práticas sociais e históricas específicas.

### **Modelo sociointeracionista**

O modelo sociointeracionista trata da relação fala e escrita dentro de um contexto dialógico, ou seja, essa relação não é considerada um sistema dicotômico, mas um modo único e complementar de compreensão do mundo.

Seguindo esquema proposto por Marcuschi (2001, p.33), dentro da perspectiva sociointeracionista, língua falada e língua escrita (daqui em diante LF e LE) apresentam dialogicidade, funções interacionais, coerência e dinamicidade. Também são fundamentos deste paradigma a negociação, os usos estratégicos e a situacionalidade, que auxiliam na percepção da língua como um fenômeno interativo e dinâmico.

De acordo com esse modelo, torna-se muito difícil – senão impossível – uma separação estanque entre LF e LE. Essas modalidades seriam modos de representação cognitiva e social revelados em situações específicas. Nessa perspectiva, não cabe considerar uma modalidade superior ou inferior à outra, pois a fala e a escrita não possuem características negativas ou positivas. Uma separação dicotômica iria de encontro à existência de um *continuum* entre LF e LE:

As relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques.  
(MARCUSCHI, 2001, p.34)

Assim, fala e escrita são realizações de um mesmo sistema, tendo características acentuadas próprias, que podem contagiar a outra modalidade, formando posições intermediárias, que nada mais são do que outras formas de produzir os sentidos do mundo, mais distantes ou próximas da fala ou da escrita (cf. BARROS, 2000, p.58).

As diferenças entre LF e LE são analisadas, no paradigma sociointeracionista, sob o ponto de vista dos usos e não do sistema. A diferenciação não se torna dicotômica, mas sim escalar e gradual.

Dessa maneira, uma conversa telefônica ocuparia, se considerarmos o espaço de realização textual, uma posição intermediária entre LF e LE, pois o contexto interacional é ausente e os interlocutores encontram-se parcialmente presentes (os aspectos paralingüísticos, como o olhar, o riso, os meneios da cabeça, a gesticulação, não são percebidos). Ora, as ausências do contexto interacional e dos aspectos paralingüísticos são características do texto escrito. Assim, podemos afirmar que as conversações telefônicas se encontram em posições intermediárias na relação LF e LE.

Do mesmo modo, alguns textos produzidos nos *chats* da Internet, apesar de pertencerem à modalidade escrita, podem possuir características orais, tais como a construção coletiva do texto, a alternância de papéis (falante-escritor x ouvinte-leitor) e a descontração.

### **Marcas sintáticas orais: a correção**

Dissemos que LF e LE não se encontram em posições estanques, mas sim em escalas graduais, podendo ocorrer características da língua falada na língua escrita e vice-versa.

Assim, a correção, recurso comum no processo de reelaboração oral e característica sintática marcante da modalidade falada, pode ser um fator presente em certos textos escritos, o que comprovaria nossa hipótese segundo a qual há marcas orais em alguns poemas de Bandeira.

Quando comparamos LF e LE, levando em conta as variedades prototípicas (como na comparação de uma “conversação espontânea” com um “texto acadêmico”), percebemos que há, na LF, uma maior presença de reelaborações, haja vista que a fala é elaborada ao mesmo tempo em que é colocada em prática. Em outras palavras, o texto escrito, em tese, é reelaborado com o apagamento das marcas de reelaboração: “revê-se o que se escreveu, volta-se atrás, apagam-se os erros, escondem-se as hesitações, evitam-se as repetições.” (BARROS, 1999, p.155)

Desta forma, o texto escrito prototípico, teoricamente, não deixa marcas no processo de planejamento, apresentando-se como um todo coeso, pronto, com frases mais densas e sintaticamente mais complexas. O texto oral, por seu turno, mostra marcas lingüísticas evidentes de seu planejamento, de que resultam frases mais fragmentadas sintaticamente. (cf. RODRIGUES, 1999, p.36)

Assim, a correção auxilia o caráter descontínuo do texto falado. Da mesma forma, as correções são indícios do *status nascendi* do texto falado, mais especificamente da conversação espontânea ideal:

[...] vimos que a construção do texto falado é extremamente suscetível de problemas de formulação, em geral denunciados por discontinuidades manifestadas nas hesitações e nas interrupções provocadas por correções e retomadas parafrásticas. (HILGERT, 1999: p.112)

Quanto aos tipos de correção, Barros nos explica que devemos considerar dois tipos de correção: a *reparação* e a *correção propriamente dita*. A primeira se refere a uma infração conversacional, ou seja, a *reparação* ocorre quando “os interlocutores

cometem ‘erros’ no sistema de tomada de turnos, violam as regras da conversação e essas falhas e desobediências são reparadas.” (1999: p.139). Entretanto, acreditamos que, por se tratar de regras conversacionais relativas à relação falante / ouvinte, a *reparação* não seria tão importante, para o desenvolvimento deste trabalho, quanto às *correções propriamente ditas*. Desse modo, destacaremos, a seguir, esse último tipo de correção.

As correções que não se referem aos “erros” presentes nas regras da conversação são chamadas de correções propriamente ditas, ou apenas, segundo nos informa Barros, de correções. O objetivo central dessa correção seria garantir o entendimento mútuo na interação: “A elas aplica-se a definição genérica de correção como um ato de reformulação, cujo objetivo, ao consertar “erros” e inadequações, é assegurar a intercompreensão no diálogo.” (1999, p.143)

Nesse sentido, pode-se afirmar que há dois tipos de correção propriamente dita: a auto e a heterocorreção. A primeira é definida como aquela em que a própria pessoa se corrige, enquanto que, na segunda, a correção é a realizada pelo interlocutor. Vamo-nos ater, aqui, apenas à autocorreção, visto que é esse o tipo de correção que será analisado mais à frente neste trabalho.

Assim, as autocorreções, na língua falada, acontecem no mesmo turno de fala ou nos outros turnos seguintes. Contudo, Barros postula que as correções mais comuns são aquelas que aparecem no mesmo turno do termo matriz, uma vez que o falante tem pressa em se corrigir, não perdendo a oportunidade de reparar sua fala a tempo, antes que seu interlocutor perceba e realize uma heterocorreção e, sobretudo, que a compreensão da interação fique prejudicada pelo erro cometido:

As demais correções são autocorreções que, por sua vez, podem acontecer no mesmo turno em que o “erro” é cometido ou em outros turnos. São mais comuns as autocorreções no mesmo turno e, em geral, na mesma frase, pois a pressa em corrigir-se é garantia de correção “em tempo” [...] e o falante procura não perder a oportunidade de reparar o erro [...]. (BARROS, 1999, p.145)

Segundo a autora, são comuns as autocorreções assinaladas com os marcadores de correção, como os termos “não” e “aliás”. Desse modo, os marcadores de correção adquirem a “função de fornecer pistas para que o interlocutor perceba a correção e, por meio dela, a intenção do falante. Em outras palavras, são marcadores que assumem papel na interpretação de uma conversação.” (1999, p.150)

Marcuschi, a respeito desse tipo de correção, nos diz que “é muito comum o uso do marcador *não* para refazer algum aspecto do dito, seja lexical ou semântico” (2000, p.31).

Fávero, Andrade e Aquino (2006), ao abordarem o tema, também nos apresentam uma listagem desses marcadores. Segundo as autoras, é possível diferenciar dois tipos de marcas: as *prosódicas* e as *discursivas*. As primeiras se referem às pausas, à entonação, à velocidade da elocução, aos alongamentos e à intensidade de voz. Já com relação aos outros, postulam:

Os marcadores discursivos constituem uma classe bastante heterogênea: quer dizer, bom, ah, ah bom, aliás, então, logo, não, ou, ahn ahn, hein, digamos, digamos assim, ou melhor, em outras palavras, em termos, não é bem assim, perdão, desculpe, finalmente. (2006, p.269)

### **Marcas sintáticas orais: o corte**

É sabido que, devido ao caráter sincrônico entre planejamento e produção do texto oral, este é permeado de marcas, como repetições, paráfrases, correções, parênteses, interrupções, que se constituem como uma das principais características sintáticas dessa modalidade textual.

Tal planejamento é influenciado pela escolha do enunciado adequado que, segundo as regras do *contrato de fala*, está vinculada ao ato de interagir com o interlocutor.

Assim, a procura do melhor caminho interacional faz com que o falante se adapte ao contexto pragmático em que se encontra, na busca incessante de ser compreendido e de convencer o outro. Sobre isso, Koch et al. citam os três princípios norteadores do planejamento oral, definidos por Betten<sup>2</sup>:

- Assim que você perceber que o ouvinte compreendeu o que você queria comunicar, torna-se desnecessária e inadequada a continuação de sua fala em muitas situações.
- Logo que você percebe que o ouvinte não está entendendo o que você fala, interrompa seu discurso, mude o seu planejamento, ou introduza uma explicação.
- Logo que você percebe que formulou algo inadequado, interrompa, corrija-se na seqüência etc. (Koch et. al., 2002, p.125)

Dentre os aspectos sintáticos oriundos do processo de planejar o texto oral, chama nossa atenção o fenômeno da interrupção, que se manifesta como marca do

---

<sup>2</sup> BETTEN, A. Ellipsen, Anakoluthe und Parenthesen. Deutsche Sprache, n.º 4, 1976, pp. 207-31.



replanejamento, tendo em vista a relação entre enunciador com seu próprio enunciado e enunciador com relação ao enunciado do interlocutor:

Designado como inacabamento, buraco ou vazio, segundo as perspectivas de análise de diferentes lingüistas [...], o fenômeno da interrupção, intrínseco da oralidade, tem sido visto na relação do locutor com seu próprio enunciado ou com o enunciado construído pela interferência direta do interlocutor (SILVA e CRESCITELLI, 2002, p.159).

A importância de um estudo sobre o tema já foi abordada por Tarallo et al., segundo os quais a elaboração não executada totalmente e os trechos incompletos têm lugar de destaque nos estudos da gramática da fala:

Se as sentenças são planejadas, mas nem sempre totalmente executadas, ou se parte delas vem elíptica devido à dependência contextual, ou ainda se a ordem esperada apresenta rupturas, essas unidades “incompletas” ou com rupturas, em relação à estrutura canônica ideal, deverão ser parte integrante do nosso estudo, dada a sua abundância e o seu lugar na gramática da fala. (TARALLO et. al., 2002, p.26)

Silva e Crescitelli (2002, 2006), por sua vez, postulam que é no nível sintático que encontramos as maiores evidências da materialização da interrupção no texto oral, formalmente chamadas de corte:

Do ponto de vista empírico, é no nível sintático que encontramos maior consenso para a materialização da interrupção na superfície lingüística, porque é nesse nível que se coloca em evidência um tipo de construção de enunciados que a norma tende a rotular como errado: a falta imediata de constituintes. Esse procedimento particular de linearização é formalmente anunciado pelo *corte*. (SILVA e CRESCITELLI, 2006, p.73).

Como exemplo de corte sintático, podemos citar o trecho abaixo, retirado dos *corpora* organizados pelo projeto NURC-SP, por nós selecionado:

5 Inf - certo? o Banco Central de uma forma mais direta e os  
bancos comerciais... através do mecanismo de  
multiplicação... ao emprestarem os... éh:::.... o dinheiro  
que os depositantes deixam no banco... **bom hoje**  
**então a gente vai começar**... demanda de... moeda...

10 a gente quer saber agora... quais as razões que faz...

(CASTILHO e PRETI, 1986, p.34)

No trecho acima, o informante (professor universitário lecionando aula sobre “a demanda da moeda”) interrompe o enunciado “bom hoje então a gente vai começar”. Trata-se de uma estratégia muito comum no texto oral. Segundo Silva e Crescitelli, tais características não podem ser consideradas como pertencentes a esse ou àquele indivíduo. Ao contrário, devem ser vistas como uma marca de elaboração da própria oralidade. (cf. 2006, p.86)

Urbano, em seu trabalho sobre a oralidade em Rubem Fonseca, diferencia dois tipos de corte, a saber – o anacoluto e a ruptura, lembrando que os mais

característicos aspectos sintáticos da língua falada se referem, principalmente, à estrutura da frase, que é, por sua vez, “pressuposta pela gramática como produto de uma organização lógica, ainda que – como se sabe – muitas vezes o pensamento seja alógico ou ilógico e sentimental.” (2000, p.118)

Assim, o autor trata o anacoluto como um corte, havendo um abandono na estrutura sintática começada, subsistindo, normalmente, resíduos semânticos.

Koch et al. (2002), por sua vez, afirmam que o anacoluto não acarreta uma perda na progressão temática. Desse modo, tais cortes “podem também, após a introdução de um novo subtópico, marcar uma volta ao subtópico anterior, que o falante se dá conta de não ter sido suficientemente desenvolvido, originando anacolutos.” (KOCH et al., 1996, p.148)

Como exemplo de anacoluto, os autores citam um trecho do inquérito 360, linhas 138 – 150, publicado em Castilho e Preti (1987), que ora aproveitamos:

L2	na minha casa de manhã
	[
L1	( )
L2	é uma loucura ((risos))
L1	na minha casa também porque... saem...uhn::
	cinco... comigo de manhã
L2	ahn
L1	às sete horas...
L2	ahn
L1	para irem para a escola
L2	uhn uhn
L1	três es/vão para o colégio e dois vão para uma... um cursinho... de

matemática... e o menor então esses cinco saem... e vão... para Pinheiros...

(CASTILHO e PRETI, 1987, pp.139 - 40)

Conforme nos indicam Koch et al., L1 começa a falar sobre seu sexto filho, definido como *menor*. Entretanto, não chega a completar o enunciado, voltando a falar dos outros cinco filhos. (cf. 1996, p.178)

Por sua vez, a ruptura também seria um abandono do sistema sintático até então construído, porém constituindo cortes mais característicos do que o anacoluto:

Pode ser intencional, com interrupção brusca da frase. Omitem-se partes essenciais dela, na expectativa de que o ouvinte, por um conhecimento prévio compartilhado, as preencha: ‘Bom primeiramente a partir de... localização da casa’ [...]; ‘Eu estive na..., através de (inaudível) em Cumaná (sic) é uma praia é um lugar, um litoral muito bonito...’ [...]; ‘Eu lembro que... vocês não se esqueçam de cumprir as ordens’. (URBANO, 2000, p.119)

Koch et al. situam a ruptura no campo da sintaxe, observando que esta não tem função discursiva, além de ser resultante de uma ‘perda de controle’ da parte do falante sobre a organização de seu enunciado. (cf. 1996, p.176)

Como exemplo de ruptura em texto oral, temos<sup>3</sup>:

515 L2 **nem sempre M. você vai::... assim::** o povo americano  
não é um povo feliz... em termos de condições materiais

(CASTILHO e PRETI, 1987, p.30)

Assim, a ruptura seria um corte mais contundente, com um redirecionamento radical no fluxo formulativo, ao contrário dos anacolutos, que seriam

---

<sup>3</sup> Trata-se do inquérito 343, tipo D2 (diálogos entre dois informantes). O trecho em questão foi usado por Moraes (1999, p.180), em artigo sobre sintaxe do texto falado.

mais brandos. Entretanto, em todos os dois casos, deixa-se por conta do ouvinte o preenchimento das lacunas produzidas no enunciado. Desta forma, o caráter interacional se encontra nitidamente relacionado ao fenômeno.

### **O oral em Bandeira: o caso das correções**

Em item anterior, apresentamos a correção como uma marca da reelaboração do texto oral facilmente percebida, uma vez que o planejamento e a produção da LF são concomitantes. Já o texto escrito, por seu turno, justamente pela não-simultaneidade do ato de planejar com o de produzir, é apresentado sem tais marcas reelaborativas.

Contudo, tais tendências são colocadas de lado quando observamos alguns textos poéticos de Manuel Bandeira. Neles, possivelmente tentando criar uma “ilusão do oral”, o poeta usa, na voz de seu enunciador<sup>4</sup>, certas marcas que nos podem levar a “situações lingüísticas orais”.

Observemos o trecho do poema “Oração a Teresinha do Menino Jesus”, em que Bandeira faz uso desse recurso:

#### **ORAÇÃO A TERESINHA DO MENINO JESUS**

Quero alegria! Me dá alegria,

Santa Teresa!

Santa Teresa não, Teresinha...

Teresinha do Menino Jesus. (*Libertinagem*) (1998, p.138)<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Usamos, aqui, *enunciador* para designar o sujeito que pratica a ação lingüística. No caso das teorias literárias, poderíamos considerar *enunciador* como equivalente à expressão *eu-lírico*.

<sup>5</sup> Todos os excertos poéticos aqui trabalhados foram retirados de Bandeira (1998), obra poética completa do poeta. Entretanto, optou-se por também referenciar, nos excertos, o livro original em que o poema foi publicado.

Neste trecho, o poeta, para sugerir uma eventual intimidade com Santa Teresa, se corrige por meio da expressão “Santa Teresa não”, apresentando, logo em seguida, o enunciado-reformulador. Assim, temos, no trecho “Santa Teresa não, Teresinha...” a seguinte regra, segundo Fávero, Andrade e Aquino (2006):

**Quadro 01 – Análise da correção no Poema “Oração a Teresinha do Menino Jesus”**

<b>SÍMBOLO</b>	<b>CÓDIGO</b>	<b>EXEMPLO DO POEMA</b>
EF	Enunciado-fonte	Santa Teresa
MC	Marcador	não
ER	Enunciado	Teresinha

Já em “Peregrinação”, temos:

### **PEREGRINAÇÃO**

Fazia as sobancelhas como um til;

A boca, como um o (quase). (*Estrela da Tarde*) (1998, p. 242)

No poema, é evidente o recurso oral reelaborativo da autocorreção. Após afirmar que “[alguém] fazia a boca como um o”, o enunciador se corrige e nos diz que “fazia com a boca ‘quase’ um o”. Aqui, a correção não é um mero fator de reelaboração textual. Ao contrário, é por meio do ato de se corrigir que o enunciador adequa a informação, buscando uma maior precisão referencial.

No caso específico do poema, o poeta poderia ter apresentado a seus leitores um verso em que haveria essa precisão referencial. Entretanto, talvez buscando criar um caráter mais espontâneo, o autor constrói o verso apresentado, baseado fortemente na oralidade, que se torna um recurso lingüístico essencial na produção poética.

No poema “Maísa”, há dois excertos que podem ser destacados:

### **MAÍSA**

Os olhos de Maísa são dois não sei quê dois não sei como diga dois Oceanos Não-Pacíficos (*Estrela da Tarde*) (1998, p. 257)

Nesse exemplo, a dinâmica oral é clara. A falta de pontuação que nos conduz à idéia de hesitação, as expressões populares “dois não sei quê”, “dois não sei como diga” também criam certa ilusão da oralidade. Na realidade, as duas expressões são substituídas pela definição clara dos olhos de Maísa: “dois oceanos não-pacíficos”.

Essa é a Maísa da televisão

A Maísa que canta

A outra eu não conheço não

Não conheço de todo

Mas mando um beijo para ela. (*Estrela da Tarde*) (1998, p. 258)

Já neste outro trecho do mesmo poema, a uma retificação do enunciado-fonte. Primeiramente, o enunciador nega conhecer a Maísa que canta. Essa negativa é reforçada pela duplicação do “não”, recurso também oral. Em seguida, contudo, reformulando o texto, o enunciador nos diz que “não conhece de todo”. Há, assim, uma correção com o objetivo de precisar o enunciado.

### **SAUDAÇÃO A VINÍCIUS DE MORAES**

Hoje que o sei,

Te gritarei

Num poema bem,

Bem, não! no mais

Pantafuço

Que já compus (*Mafuá do Malungo*) (1998, p. 330)

A respeito do texto oral, apresentamos anteriormente a postulação de Marcuschi segundo o qual “é muito comum o uso do marcador *não* para refazer algum aspecto do dito, seja lexical ou semântico” (2000, p.31). Em “Saudação a Vinícius de Moraes” ocorre o mesmo fenômeno. A forte ruptura ocasionada pela expressão “bem não!” é o início do enunciado-reformulador “no mais / Pantafuço / Que já compus.”

### **O oral em Bandeira: o caso dos cortes**

Além da correção, Bandeira faz uso de outro recurso sintático oral, o corte, na construção de alguns de seus poemas. Neles, tais marcas ocorrem de diferentes maneiras, recriando superfícies textuais muito próximas daquelas encontradas em textos orais.

Os cortes, marcas da disfluência da oralidade, são recursos quase que extintos dos protótipos de textos escritos, haja vista que a norma recomenda uma atenta preocupação com relação aos complementos sintáticos. Além disso, deve-se levar em conta o caráter coesivo do texto escrito, que não pode deixar informações relevantes à margem do enunciado textual.

Contudo, no texto oral, além do aspecto referente ao conteúdo, há o aspecto interacional, ligado às nuances advindas do contexto pragmático em que a comunicação ocorre.

A seguir, analisaremos algumas dessas marcas orais no texto escrito, encontradas em nossa coleta de *corpus*.

#### **O MENINO DOENTE**

- “Dodói, vai-te embora!

“Deixa o meu filhinho.

“Dorme... dorme... meu...” (*O ritmo dissoluto*) (1998, p. 105)



No poema “O Menino doente”, há um corte no final da fala da mãe, que acalenta o filho. Cabe notar que, no último verso, juntamente com o corte, há a presença de reticências, que denunciam pausas. Com isso, a diminuição rítmica do texto é notória. Temos, assim, um corte sintático, que pode ser considerado um anacoluto, uma vez que a idéia relativa a “filho” é fácil de ser percebida pelo leitor.

Em “Noite morta”, a percepção semântica do item elíptico é mais difícil:

### **NOITE MORTA**

No entanto há seguramente por ela uma procissão de sombras.

Sombras de todos os que passaram.

Os que ainda vivem e os que já morreram.

O córrego chora.

### **A voz da noite...**

(Não desta noite, mas de outra maior.) (*O ritmo dissoluto*) (1998, p. 118)

Aqui, temos também um corte sintático, mas não com as características do anacoluto, e sim da ruptura, uma vez que há uma perda, com o truncamento, do conteúdo semântico do predicado elíptico.

### **PEREGRINAÇÃO**

Fazia as sobrancelhas como um til;

A boca, como um o (quase). Isto posto,

Não vou dizer o quanto a amei. Nem gosto

De me lembrar, que são tristezas mil.

**Eis senão quando um dia...** Mas, caluda!

Não me vai bem fazer uma canção

Desesperada [...] (*Estrela da Tarde*) (1998, p. 242)

No exemplo retirado de “Peregrinação”, que se encontra em negrito, o enunciador inicia a narração de um acontecimento por meio da expressão “eis senão quando um dia...”. Entretanto, como se estivesse planejando o texto no momento em que o mesmo era produzido, a frase é cortada bruscamente, perfazendo o corte.

Nos dizeres de Koch et al. (1996), poderíamos situar o exemplo anterior no campo da ruptura, uma vez que não há função discursiva, além de ser resultante de uma ‘perda de controle’ da parte do falante sobre a organização de seu enunciado.

Assim, Bandeira usa, em alguns de seus poemas, marcas orais dos cortes. Apesar de serem textos escritos, os poemas recebem tais marcas que, no texto oral, representam a interação entre falante e ouvinte. Contudo, no texto escrito poético em questão, podem ser consideradas como fatores essenciais na busca de expressividade e de construção de uma ilusão do oral, nítida nos trechos aqui analisados.

### **Considerações finais**

Constatamos que, por meio de estruturas claramente orais, aqui representadas pela correção e pelo corte, que teoricamente poderiam ser evitadas no texto escrito, Bandeira constrói alguns de seus poemas. Nos trechos analisados, a construção dos textos poéticos passa pelo aproveitamento da sintaxe da fala, o que nos permite afirmar que há recursos orais na poética de Manuel Bandeira.

Tais considerações nos levam, dessa maneira, em outros pontos, que fogem ao caráter estritamente investigativo. É possível fazer tais considerações em sala

de aula? Nos trabalhos de interpretação textual, podemos abordar o caráter oral, questionando os possíveis motivos de tal uso no texto poético? É possível abordar as relações entre esses recursos poéticos e a conversação cotidiana? A análise apresentada nesta comunicação pode ser um fator de discussão sobre a presença de elementos lingüísticos do dia-a-dia na poesia?

Acreditamos que tais propostas de análise possam ser importantes estratégias em prol da redescoberta do texto literário por parte das novas gerações de leitores. Além disso, tais inovações auxiliariam na descoberta da língua como ação, posição distante daquela que considera a língua algo homogêneo e padrão.

### **Referências Bibliográficas**

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999. p. 129-156 (Projetos Paralelos, v. 1).

\_\_\_\_\_. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias. In: PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas Publicações, 2000. p. 57-78 (Projetos Paralelos, v. 1).

CASTILHO, Ataliba Teixeira de e PRETI, Dino (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: elocuições formais**. São Paulo: T. A. Queirós / FAPESP, 1986.

\_\_\_\_\_. (org.). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: diálogos entre dois informantes**. São Paulo: T. A. Queiroz: FAPESP, 1987.

FÁVERO, Leonor Lopes, ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira & AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Correção. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In.: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999. p. 103-127 (Projetos Paralelos, v. 1).

KOCH, Ingedore G. Villaça et al.. Processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In.: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do português do falado**. 3. ed. Campinas – SP: Fapesp/Editora da Unicamp, 1996. vol. 1, p.145-184.

\_\_\_\_\_. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Gramática do Português Falado: a ordem**. 4. ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2002. vol. 1, p.121-154.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MORAES, Lygia Corrêa Dias de. A sintaxe na língua falada. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999. p. 191-214 (Projetos Paralelos, v. 1).

RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua Falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999. p.13-32 (Projetos Paralelos, v. 1).

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza, CRESCITELLI, Mercedes Fátima de Canha. Sem querer interromper... e não interrompendo. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. **Gramática do Português Falado: desenvolvimentos**. 2. ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2002. vol. 6, p.159-167.

\_\_\_\_\_. Interrupção. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2006. p. 71-86.

TARALLO, Fernando et al. Rupturas na ordem de adjacências canônicas no português falado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Gramática do Português Falado: a ordem**. 4. ed. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2002. vol. 1, p.25-52.

URBANO, Hudinilson. **Oralidade na literatura: (o caso Rubem Fonseca)**. São Paulo: Cortez, 2000.